



Resenha

BRODEN, L. T.; MATTHEWS. S. W. (Orgs.). *Special Issue/ Numéro spécial: A. J. Greimas - Life and semiotics/ La vie et la sémiotique d'A. J. Greimas. Semiotica*. Berlim: De Gruyter Mouton, n. 214, v. 1, 2017. 438 p.

BRODEN, L. T.; MATTHEWS. S. W. (Orgs.). *Special Issue/ Numéro spécial: La Sémiotique post-Greimassienne/Semiotics post-Greimas*. Berlim: De Gruyter Mouton, n. 219, v. 2, 2017. 586 p.

Continuidades e rupturas em e com Greimas

Mariana Luz Pessoa de Barros*

Certamente, uma das mais belas homenagens ao que seria o centenário do aniversário de Algirdas Julien Greimas foi a publicação na revista *Semiotica* de dois números especiais (n. 214 e 219) em torno de sua vida e obra, no ano de 2017. Organizadas por Thomas F. Broden (Purdue University) e Stéphanie Walsh Matthews (Ryerson University), essas duas edições somam 1024 páginas e 56 textos, entre os quais encontramos uma biografia, cartas, entrevistas e artigos. Os textos são todos apresentados em inglês ou francês e, no geral, trazem resumos nas duas línguas. Seus autores vêm de 14 países e 4 continentes, e, em sua maioria, possuem inserção institucional em universidades e centros de pesquisa, sendo responsáveis pela formação dos novos pesquisadores na área. Entre os autores, estão 6 semioticistas brasileiros de diferentes gerações, desde aquela que foi responsável pela introdução e difusão da semiótica no Brasil, a partir dos anos 60, até a de jovens pós-graduandos que iniciam sua jornada acadêmica. Não podemos deixar de mencionar ainda que o primeiro desses números conta com 4 textos inéditos de Greimas, dos quais trataremos mais adiante.

Com essas edições, além de celebrar o pensador que, a partir da linguística de Saussure e de Hjelmslev, da linguística da enunciação, da antropologia estrutural, da fenomenologia, lançou as bases para um novo projeto de busca nas ciências humanas, coletivo e interdisciplinar, Broden e Matthews ainda nos permitem reconhecer a fecundidade de seu impulso teórico e metodológico na contemporaneidade. Encontramos representada, nos dois números da revista, uma boa parte da comunidade internacional de semioticistas, o que possibilita o acesso às diversas maneiras como a semiótica de origem greimasiana vem sendo desenvolvida e praticada em diferentes países e instituições. O que temos à nossa frente é uma espécie de mosaico que, de uma só vez, revela-nos o lexicógrafo, o linguista, o semioticista, o mitólogo,

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.152686

* Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Endereço para correspondência: (maluzpes soabarros@hotmail.com).

o etnógrafo, o homem. Cada artigo parece enfatizar um desses aspectos da vida e da obra de Greimas, comprovando a persistência do impacto de suas reflexões em torno do sentido ou, ainda, do “parecer do sentido”, partilhado socialmente por meio dos discursos que o comunicam.

Não poderia haver revista acadêmica mais propícia à realização dessa empreitada, uma vez que Greimas está entre os responsáveis pela criação de *Semiotica*. Conforme nos conta Broden no prefácio ao primeiro número das publicações, na segunda conferência internacional sobre semiótica realizada na Polônia, em 1966, Jakobson, Greimas e outros colegas formaram um Comitê Organizador encarregado de estabelecer uma associação internacional de semiótica. O grupo constituiu um subcomitê composto por Greimas (Presidente), Lotman, Sebeok e Wojciech Skalmowski. Nesse papel, Greimas criou e editou uma seção na revista *Information sur les Sciences Sociales* (Paris), intitulada “Recherches sémiotiques”. A seção era distribuída como parte da revista, mas também separadamente, funcionando como periódico da associação por dois anos, até se transformar na revista *Semiotica* em 1969.

Broden também recupera em seu relato o simpósio ocorrido em Varsóvia, no ano de 1968, quando Émile Benveniste foi eleito presidente e Algirdas Julien Greimas, secretário do Comitê Diretor Provisório da *International Association of Semiotic Studies-Association Internationale de Sémiotique* (IAS-AIS). No ano seguinte, na reunião do comitê, Greimas apresentou os estatutos que formularam, entre outras coisas, os objetivos da IAS-AIS e sua estrutura organizacional. Greimas desempenhou, portanto, papel central na fundação tanto da *International Association of Semiotic Studies-Association Internationale de Sémiotique*, quanto de sua revista. Sua participação ativa como proponente de grupos de trabalho, congressos, seminários, associações, publicações mostra que, além de exercer liderança intelectual, apontando caminhos absolutamente originais para o estudo da significação, Greimas também desempenhou papel relevante como líder institucional, contribuindo para a legitimação da semiótica entre as ciências humanas e para sua difusão internacional.

É digno de nota que alguns dos textos publicados nessa edição de homenagem revelam um Greimas, muitas vezes, menos conhecido por grande parte dos pesquisadores interessados em suas ideias. Nos livros de semiótica, não há quase nada sobre sua vida. Assim, é muito bem-vinda a cronologia estabelecida por Thomas Broden (p. 9-13), que nos faz descobrir, por exemplo, que, aos 14, 15 anos, Greimas leu Nietzsche, Rilke e Schopenhauer; que, aos 23, era professor de literatura francesa e lituana na escola Šiauliai; que, aos 24, teve os pais deportados para áreas remotas da URSS; que entrou para um grupo clandestino de resistência antinazista aos 25, produzindo o jornal do grupo; que, também aos 25, leu Marx e literatura americana; que, aos 29, exilado e antissoviético, viajou para a Alemanha e a Suécia a fim de colaborar com outros líderes e que, no mesmo ano, criou, em Paris, uma organização cultural lituana voltada para os jovens; que, aos 32, quando era professor de Filologia Francesa na Universidade de Alexandria (Egito), leu Brøndal, Freud, Husserl, Jakobson, Lacan, Lévi-Strauss, Meillet, Merleau-Ponty, Saussure, e teve como amigos Roland Barthes, Mustapha Safouan, Charles Singevin, Hilde Zaloscer; que, aos 34, foi naturalizado francês, assim como sua esposa Anna Greimas; que leu os *Prolegômenos*, de Hjelmslev, em inglês, aos 36; que, aos 50, criou pequenos grupos de trabalho, dirigidos por Coquet, Gérard Genette, Christian Metz, Bernard Pottier, entre outros; que veio ministrar seminários e cursos no Brasil, aos 56, contribuindo para a criação do Centro de Estudos Semióticos e da revista *Significação*.

Embora a cronologia seja mais extensa, esse fragmento já mostra que mesmo aqueles

que mais conhecem os trabalhos de Greimas poderão fazer descobertas ao longo das páginas que celebram o seu centenário. É muito provável que poucos sabiam de sua participação em grupos políticos de resistência ou de detalhes de sua vinda ao Brasil e a outros países. Sobre essa última questão, é interessante mencionar que alguns dos autores dos artigos, de forma mais abreviada ou alongada, relatam e examinam o modo como se deu a recepção da semiótica em seus países e ainda as relações de trabalho que foram estabelecidas com Greimas. É o que vemos em Öztokat, que conta sobre os anos em que Greimas foi professor de linguística na Universidade de Ankara e, depois, na Faculdade de Letras da Universidade de Istambul, permanecendo como professor na Turquia de 1958 a 1962. Nesse período, conheceu os jovens assistentes Berke Vardar e Tahsin Yücel, que se tornaram pioneiros nos estudos linguísticos e semióticos no país. Também encontramos esse tipo de narrativa em Barros, que recupera a introdução dos estudos semióticos na América Latina, entre os anos 60 e 70, realizada por professores que haviam lido *Sémantique structurale* (1966) e que, depois disso, estabeleceram contato com Greimas e foram fazer pesquisas sob sua orientação. Já Brandt menciona a primeira ida do autor a Copenhague, em 1969, quando fez uma conferência no Círculo Linguístico de Copenhague, concluindo que, “[...] com Greimas, que havia assim ‘brondalizado’ Hjelmslev, o estruturalismo entrava em Copenhague, abrindo caminho para a chegada de Derrida, de Lacan, de Foucault, de Lévi-Strauss, etc” (p. 77. Tradução nossa.)¹.

Logo, podemos dizer que estamos diante de uma obra monumental, não apenas pelo seu tamanho, mas pelo que representa para a semiótica e para as ciências humanas atuais. Dar conta dessas duas edições numa resenha não é tarefa fácil. Nosso esforço vai no sentido de buscar certo equilíbrio entre a extensidade dos objetos abarcados e a intensidade de nosso engajamento afetivo. Assim, passaremos agora a apresentar e a comentar os diversos textos que formam essa homenagem, na ordem em que aparecem, procurando, por um lado, não prolongarmo-nos demais para não perdermos a intensidade da atenção do leitor, caindo no tédio e, por outro, não sermos excessivamente breves, para que não corramos o risco de gerar o alto impacto da incompreensão.

1 Greimas: vida e obra – o primeiro número

O primeiro número das edições especiais (n. 214), além de um prefácio redigido por Broden e de uma introdução feita por Matthews, apresenta duas seções: “Contexto, vida e carreira” e “Análises semióticas pós-greimasianas”. Na primeira seção, encontramos textos que procuram lançar luz sobre quem foi Greimas, em sua vida, sua carreira e sua obra. Já, na segunda, vemos como a disciplina, a teoria, o método, inaugurados pelo autor, tomam forma nos dias atuais no âmbito da linguística, da semiótica e da mitologia.

A primeira seção começa com a “Cronologia” da vida de Greimas, que se inicia pelo seu nascimento no dia 7 de março de 1917, em Tula (Rússia), passa por sua formação, suas leituras, suas relações familiares, suas mudanças de país, sua produção intelectual, seus postos de trabalho, suas amizades, e termina com sua morte em 1992, em Paris. Em seguida, temos o primeiro texto inédito, que data de 1964. Trata-se da palestra “Reflexões

¹ “[...] Avec Greimas, qui avait ainsi “brøndalisé” Hjelmslev, le structuralisme arriva à Copenhague. La voie était désormais libre pour l’arrivée de Derrida, de Lacan, de Foucault, de Lévi-Strauss et al” (p. 77).

sobre as possibilidades de uma descrição da história da linguística”, localizada e editada por Broden. A palestra fazia parte do simpósio *Revolution vs. Continuity in the Study of Language* (Wenner-Gren Foundation), que convidava os participantes à reflexão acerca da possibilidade de aplicação à linguística das ideias de Thomas Kuhn em torno da história das ciências.

Em sua fala, Greimas enaltece o pensamento de Kuhn, por buscar depreender um plano epistemológico coerente e autônomo sobre o qual se situam os paradigmas científicos. Destaca ainda seu esforço de integrar aquilo que é da ordem do *evento* à *estrutura* da pesquisa. Entretanto, faz diversas críticas ao autor, por considerar que não leva em conta a coexistência em tensão dos diversos paradigmas e ainda por tratar cada ciência como um sistema independente, negligenciando a dinâmica das conexões e dos entrecruzamentos entre as diversas disciplinas. Afirma ainda que as variações paradigmáticas não explicam revoluções científicas excepcionais, que excedem a escala do paradigma, como a invenção da escrita, concebida por Greimas como a primeira revolução linguística.

Para Greimas, o projeto de uma semântica estrutural visaria a alcançar a segunda revolução linguística, a partir da construção de uma nova linguagem capaz de servir como ciência da humanidade, algo comparável à matemática nas ciências da vida. A intrusão da linguística, segundo o autor, possibilitaria dizer que o modelo de Kuhn é mais um paradigma dentro da história das ciências: “o paradigma dos paradigmas” (p. 17. Tradução nossa)². Contrariando as ciências que procuram descrever a natureza, a ambição da linguística seria construir uma linguagem que permitiria descrever a significação ou o mundo humano definido como significante. Trata-se, portanto, do texto em que Greimas apresenta seu projeto de desenvolvimento de uma semântica estrutural.

O segundo texto inédito “Os universais da narratividade”, editado por Paul Perron, recupera um curso ministrado, em 1984, no Victoria College (Toronto University). Greimas inicia sua fala marcando a posição de não afirmar se os universais existem no mundo ou somente em nossas mentes. Seguindo a proposta de Hjelmslev, diz que é preciso estabelecer uma lista dos termos indefiníveis, cujo primeiro é a descrição, e organizá-los de forma a constituir uma axiomática. Dessa axiomática, devem ser deduzidos conceitos muito gerais, que não são mais indefiníveis, mas que são definidos, interdefinidos por indefiníveis. O autor mostra que, desse modo, chega-se a uma rede de relações hierárquicas, que Hjelmslev entende como a definição das escalas de linguagem. Essa rede, erigida sobre o nada, sustenta-se apenas sobre um certo empirismo, sobre aquilo que as línguas naturais não conseguem mais apreender ou transcodificar.

Greimas subdivide os universais axiomatizáveis em três tipos: os absolutamente necessários (como a descrição ou a relação); os paradigmáticos (natureza *vs.* cultura, por exemplo) e os sintagmáticos (aqui é possível adotar a tradição aristotélica que entende a proposição como um tipo nominal, ou, como faz a semiótica, o tipo de linguística feita por Tesnière ou de lógica desenvolvida por Reichenbach, que entendem o verbo como o núcleo da proposição e os actantes como elementos projetados pelo próprio verbo); e os completamente arbitrários (como ocorre na lógica). Reflete, a partir daí, sobre a especificidade dos universais metalinguísticos e ainda sobre a necessidade de adotar a construção narrativa como um modelo geral que permita dar conta dos diferentes tipos de discurso existentes. A ideia central defendida nesse texto é que as estruturas narrativas devem ser compreendidas como formas universais da existência semiótica dos discursos, anteriores à sua manifestação, algo que diferencia a semiótica da narratologia.

² [...] “le paradigme des paradigmes” (p. 17).

Editado por Marina Maluli Cesar e Marcello Castellana, o terceiro inédito – “O sentido e a música. Entrevista recolhida por Marcello Castellana (1986)” – traz uma entrevista de Castellana com Greimas, que aponta uma série de caminhos para a exploração da música com base na semiótica. Para Greimas, examinar a música poderia trazer contribuições para a teoria geral da semiótica, por possibilitar lidar com a temporalidade, problemática colocada entre parênteses até aquele momento em suas pesquisas. Chama a atenção para a necessidade de que as investigações semióticas acerca da música tenham como objetivo a formulação de universais, e não apenas descrições de composições ou performances musicais particulares. Apenas tal postura tornaria possível estabelecer comparações entre estruturas musicais e plásticas e, assim, entre formas temporais e espaciais, na busca por um denominador comum.

São muitos os temas abordados, como, por exemplo, o papel central que, de acordo com Greimas, o timbre assumiria no desenvolvimento de um tipo de fonologia de sons musicais; as diferenças entre os termos paixão e seus correlatos (emoção, sentimentos, etc.); as relações entre a música e o símbolo; entre outros. Nessa espécie de esboço de projeto para uma semiótica da música, temos a impressão de flagrar a reflexão de Greimas realizada no aqui e agora da entrevista, reflexão em ato de construir-se. É o que vemos quando comenta sobre sua busca pela especificidade da poesia, encontrada na ideia de fusão total ou de desejo de fusão total entre os planos do significante e do significado, ou seja, entre aquilo que vem do mundo exterior e aquilo que vem do sujeito. Após uma primeira explicação, relata que, ao se interrogar sobre os objetos estéticos visuais e literários, viu-se obrigado a alargar seu conceito de fusão, que era extremamente intuitivo, passando a formulá-lo em termos de uma conjunção entre sujeito e objeto, dada pela via sensorial. Estabelece, desse modo, a noção de estesia. A fusão total, para Greimas, seria a explosão do mundo, por isso, afirma que há momentos de fortes fusões, mas seguidos sempre de distensões. Ainda defende que é no nível da tensividade que se deve buscar compreender o fenômeno musical.

No quarto inédito, “De semiologia à semiótica. Seleção de cartas de Greimas”, Broden organiza uma amostra das cartas escritas por Greimas entre 1966 e 1990. Ao que tudo indica, Greimas trocava cartas com seus amigos e colegas de trabalho de forma incessante. Em 1990, enviava em torno de 30 cartas por semana, segundo suas próprias palavras. O semioticista queimou boa parte dessa correspondência, fazendo questão, no entanto, de conservar as cartas às quais atribuía valor científico ou histórico, como as que foram trocadas com Aleksandra Kašuba e que, seguindo as indicações do próprio Greimas, tomaram a forma de livro em 2008. As cartas escolhidas por Broden para compor esse número são acompanhadas de uma pequena contextualização e de algumas cópias fac-símiles. Temos, assim, acesso à versão manuscrita, à grafia, à organização do papel, que oferecem ao leitor a possibilidade dessa apreensão mais sensível do texto.

Entre os correspondentes de Greimas, encontramos jovens pesquisadores, linguistas ilustres, amigos e colegas de trabalho, entre outros. Há, por exemplo, uma carta enviada a Jakobson em 1969; outra a Saulius Žukas, que, na época (1987), iniciava seu percurso acadêmico pelos estudos literários; outra a Thomas Broden, de 1990; outra a Jacques Fontanille; etc. Sobretudo para aqueles que não conviveram com Greimas, as cartas constituem oportunidade de reconhecer um estilo autoral, uma dicção própria, uma maneira específica de habitar o mundo.

Transcrevemos a seguir o texto da correspondência enviada a Anne Hénault, em 1989, na qual Greimas assume um tom bastante pessoal.

Querida amiga,

preocupado em preservar minha juventude (penso que a mente, pelo menos), penso no futuro e cuido dele. Também as retificações e melhorias na história recente da Semiótica – foi Peirce que a fundou, Benveniste que a inventou, Coquet que a instituiu – me tocam pouco. No entanto, é com grande prazer que me lembro daqueles anos felizes, kairóticos, quando tudo parecia permitido à jovem semiótica: uma geração de jovens atingiu a maturidade, a confiança no saber fresco, belo e útil, a possibilidade de fazer, com poucos meios, “grandes feitos”. Era 1978, o fim dos anos 70, ano marcado, entre outras coisas, pela redação do Dicionário de Semiótica e pela publicação do *Bulletin des Actes Sémiotiques*, do qual você foi iniciadora e fundadora, papel cuja importância não deixei de enfatizar e que permaneceu inscrito durante os dez anos na capa da AS. Ato corajoso de sua parte e que nos uniu para um destino comum, para toda uma vida, de cumplicidade científica mútua. Eu gostaria que estas poucas palavras dessem testemunha disso.

Seu, como nos primeiros dias de nosso encontro

GREIMAS

La Chaussée

16 de outubro de 89 (p. 61. Tradução nossa)³

Após os 4 inéditos, chegamos a “Greimas e a linguística, a poética e a semiótica no cotidiano, segundo sua correspondência inédita com Michel Arrivé”, em que Arrivé nos oferece uma edição anotada das cartas que Greimas lhe enviou de 1964 a 1987. Essas cartas trazem informações pouco conhecidas sobre as atividades desenvolvidas pelo semioticista no período em questão, como seus trabalhos de gramática francesa ou o processo de elaboração dos *Essais de sémiotique poétique*, publicados, na França, em 1972. Mais uma vez essas cartas permitem entrever aspectos do que parece ser a personalidade de Greimas. Segundo Arrivé, mostram um Greimas constantemente enérgico, apaixonado e otimista, mais raramente desanimado, e, apenas por alguns instantes, tomado por uma fúria sem explicação. De fato, chama a atenção o volume de trabalho, a quantidade de projetos que se revelam por meio dessas cartas, que nos permitem vislumbrar um pouco de seu fazer cotidiano.

No texto subsequente, “A semiótica de Greimas: um projeto científico de longa duração”, Jacques Fontanille discute o que faz da semiótica um projeto aberto em múltiplas direções e ainda se propõe a avaliar os diferentes percursos de pesquisa estabelecidos pelo programa inaugurado por Greimas, apontando a necessidade de refundar o projeto semiótico a partir dos desafios do nosso tempo. Já François Provenzano (“Políticas da semiótica. Fluxo e refluxo da crítica ideológica em A. J. Greimas”) parte da comparação entre dois artigos de Greimas “Pour une sociologie du langage” (1956) e “Roland Barthes: une biographie à construire” (1980),

³ “Madame, chère Amie, préoccupé à conserver ma jeunesse (celle de l’esprit du moins), je pense à, me préoccupe de l’avenir. Aussi les rectifications et les améliorations de l’histoire récente de la Sémiotique – c’est Peirce qui l’a fondée, Benveniste qui l’a inventée, Coquet qui l’a instituée – ne me touchent que peu. Cependant, c’est avec un vif plaisir que je me souviens de ces années heureuses, kairótiques où tout semblait permis à la jeune sémiotique: une génération de jeunes parvenus à la maturité, une confiance dans le savoir tout frais, beau et utile, la possibilité de faire, avec peu de moyens, de “grandes choses”. C’était 1978, la fin des années 70, année marquée, entre autre, par la rédaction du dictionnaire de Sémiotique et la parution du Bulletin des Actes Sémiotiques dont vous êtes initiatrice et fondatrice, rôle dont je n’ai cessé de souligner l’importance et qui est resté inscrit pendant les dix années sur la couverture des A.S. Acte courageux de votre part et qui nous a liés pour un destin commun, pour toute la vie, de complicité scientifique réciproque. Je voudrais que ces quelques mots en portent témoignage./ Votre, comme aux premiers jours de notre reencontre/ GREIMAS/ La Chaussée/ Le 16 octobre 89” (p. 61).

para buscar o substrato marxista do projeto científico da semiótica, que, segundo o autor, estaria presente nos seguintes tópicos: a conciliação entre ciência e ideologia, e a função social do intelectual. Ainda que tais tópicos se tornem marginais nos trabalhos subsequentes, a argumentação de Provenzano vai no sentido de mostrar que há uma ancoragem forte da reflexão greimasiana no terreno da crítica ideológica historicamente situada.

Em “A. J. Greimas: um professor na universidade turca”, Nedret Öztoka examina o impacto da atuação de Greimas como professor nas universidades de Istambul e de Ankara, a fim de traçar o percurso da semiótica na Turquia. Para isso, retoma três entrevistas publicadas na *Revue Dilbilim (Linguistique)*, periódico da Faculdade de Letras da Universidade de Istambul, o que possibilita ao leitor entrar em “contato” com o Greimas que começava a elaborar sua semântica estrutural. Também encontramos um Greimas menos conhecido no artigo “As pesquisas de Greimas sobre a mitologia lituana”, de Kęstutis Nastopka, que traz à luz suas explorações da mitologia lituana, uma das partes menos difundidas de seu trabalho. Isso fora da Lituânia, pois em seu país de origem, conforme revela Nastopka, é uma autoridade entre os pesquisadores interessados em mitologia. O artigo ainda faz uma análise dos dois trabalhos de Greimas sobre a mitologia lituana – *Des dieux et des hommes* (1979) e *À la recherche de la mémoire du peuple* (1990) –, mostrando a indissociabilidade do Greimas mitólogo e do Greimas semioticista.

Após Nastopka, Driss Ablali aborda, em “A ‘semântica de *corpus*’, o programa inacabado de *Sémantique structurale*”, a especificidade do projeto semiótico proposto em *Sémantique structurale* (1966), distinguindo esse livro do restante da obra greimasiana. Para o autor, tal projeto, incompleto ainda, deve ser visto como inaugural não de uma semiótica do texto ou do discurso, mas de uma semântica de *corpus*, que encontrou continuidade na semântica proposta por Rastier. Já Ronald Schleifer traça um outro futuro para a semiótica, ao propor, em “A semiótica da sensação: A. J. Greimas e a experiência do sentido”, empregar o quadrado semiótico para analisar as pesquisas recentes de Hacker a respeito das relações entre a sensação e a cognição, no âmbito da filosofia da linguagem e da mente. Além disso, também discute as possibilidades de convergência entre a semiótica greimasiana e os resultados recentes das pesquisas neurológicas acerca da experiência sensível.

Em seguida, Stéphanie Walsh Matthews apresenta a entrevista que realizou com François Rastier, na qual são debatidas questões bastante relevantes para as pesquisas desenvolvidas nos dias de hoje, como a continuidade do projeto saussuriano, o modo como a semiótica greimasiana interpretou Saussure, as possibilidades de aproximação entre a semiótica e as abordagens cognitivas, entre outras. Com essa entrevista, encerra-se a primeira seção da edição 214.

A segunda seção “Análises semióticas pós-greimasianas”, que procura debater a produtividade da proposta teórico-metodológica para análises de objetos da atualidade, tem início com “Linguagem e jogo de xadrez”, de Dominique Ducard. Nesse artigo, o autor comenta as analogias entre o jogo e a linguagem estabelecidas por Saussure, Hjelmslev e Wittgenstein, com o objetivo de examinar o deslocamento que Greimas efetua com relação à posição desses autores em “A propos du jeu” (GREIMAS, 1980). A partir de uma leitura interpretativa desse artigo, Ducard reflete sobre a teorização da linguagem empreendida pela semiótica e sobre sua “quête inquiete” (busca inquiete) pelo *parecer imperfeito* do sentido. No texto seguinte, “Ação do homem na gramática narrativa”, Thomas Pavel dá continuidade à investigação da obra greimasiana, ao elaborar uma história condensada da linguística e da poética estrutural no século XX e examinar a contribuição teórica de Greimas para o estudo semiótico das

narrativas.

Em “Descrever a visão de mundo: o desafio antropológico de *Sémantique structurale*”, Pierre Swiggers retoma a obra *Sémantique structurale* (1966), abordada em vários dos artigos já comentados, mas sob outra perspectiva. Assumindo um ponto de vista imanente, procura acompanhar os movimentos do pensamento greimasiano e mostrar como o rigor metodológico e a preocupação epistemológica na construção de um modelo analítico garantem uma abordagem objetiva da estrutura dos textos, que funciona como articuladora de uma visão de mundo. Após o texto de Swiggers, Claude Zilberberg (“Atualidade da retórica: metáfora e imagem”), um dos propositores da gramática tensiva, analisa as definições de metáfora e de imagem formuladas por Aristóteles, Du Marsais, Fontanier, Ricoeur e Breton, para, em seguida, definir esses elementos em termos tensivos. Ao explorar essas figuras, o semioticista empreende um aprofundamento das reflexões acerca do andamento.

O artigo “*De l'imperfection: um diálogo com o universo místico*”, de Hamid Reza Shairi, tem o objetivo, bastante original, de mostrar de que forma a obra *De l'imperfection* (1987), de Greimas, pode ser considerada como uma iniciação à semiótica do místico. Para isso, Shairi compara os tipos de êxtase que aparecem nesse livro e o sujeito extático persa. Na sequência, Jamin Pelkey (“Greimas corporificado: como a oposição cinestésica fundamenta o quadrado semiótico”) traça a história do desenvolvimento do quadrado semiótico, desde Aristóteles até Greimas, e propõe compreender as relações que modela como relações enraizadas em memórias gestálticas de cinestesia e de propriocepção, das quais derivamos a consciência estrutural básica de oposição e de contraste. Com esse trabalho, pretende recuperar o entendimento do quadrado semiótico como estrutura profunda geradora da cultura e da cognição humanas, mostrando a atualidade do pensamento greimasiano.

“O significado da troca” é o artigo no qual Eleni Mitropoulou analisa discursos pertencentes à esfera de mediação cultural e à esfera de informação política, procurando verificar se as posições de Greimas sobre o estudo dos discursos da comunicação social e do papel das mídias ainda são relevantes no âmbito de uma semiótica da comunicação cada vez mais atenta à *circulação* dos discursos. O texto de Louis Hébert, “A semiótica do nirvana: a salvação no budismo”, parte de uma apresentação do esquema narrativo canônico da semiótica greimasiana, com o intuito de aplicá-lo à descrição do caminho budista. Com base em uma análise bastante minuciosa, o autor conclui que a salvação gira em torno de dois esquemas narrativos principais: um individual, e outro coletivo e utópico. No artigo seguinte, “A sucessão”, Manar Hammad também mostra a produtividade das descrições fundamentadas na tradição greimasiana de estudos narrativos ao examinar as transmissões sucessórias, uma das formas básicas de circulação dos bens no espaço social.

Em “Os estudos de sociedade sob a perspectiva da semiótica greimasiana”, Diana Luz Pessoa de Barros propõe a discussão acerca de como os semioticistas de base greimasiana contribuíram, sobretudo no Brasil, para a produção de conhecimento sobre os discursos sociais. Assim, inicia o artigo mostrando que o paradigma teórico e metodológico da semiótica favorece os estudos voltados para os discursos sociais; em seguida, trata da recepção da semiótica no Brasil e na América Latina; e, por fim, examina dois tipos de discursos brasileiros para exemplificar tais estudos (os discursos das gramáticas e os discursos intolerantes). No texto que se segue, Anne Beyaert-Geslin (“A facticidade, posterioridade de um conceito”) mostra como o conceito de *facticidade* (*fazer fazer*) permite descrever não apenas a interação com o objeto cotidiano, mas também com a obra de arte. A autora, que já desenvolveu diversas pesquisas no âmbito da semiótica do design, examina o percurso epistemológico que

conduziu esse conceito à sua acepção atual, observando as diversas acomodações estratégicas pelas quais passou para adequar-se ao campo do design.

Por fim, chegamos à extensa bibliografia (15 páginas), organizada por Thomas Broden, que procura incluir a referência na língua original de todos os textos acadêmicos que Greimas produziu, bem como a lista das publicações em francês e em inglês, um grande número das publicações em lituano, entre outros textos. Com essa bibliografia, talvez a mais completa que existe até o momento, encerra-se o primeiro número das edições de homenagem da revista *Semiotica*.

2 Greimas hoje – o segundo número

Nas palavras de Matthews, o segundo número (n. 219) assume um “espírito de descoberta e de abertura” (p. 1. Tradução nossa)⁴. Entre seus autores, encontramos semioticistas de diversas gerações e pesquisadores de áreas conexas, que examinam problemáticas centrais das propostas de Greimas à luz do contexto atual, refletem sobre o percurso recente da semiótica, e comparam aspectos da semiótica greimasiana e mesmo de seus desdobramentos a outros paradigmas.

Iniciado com um prefácio de Stéphanie Walsh Matthews e uma introdução de Thomas Broden, em que se revelam os objetivos dos editores para esse número e ainda uma síntese de seu conteúdo, essa edição encontra-se dividida em duas partes: “Fenomenologia, percepção, paixão e subjetividade” e “Textos, histórias, culturas: teoria, método e aplicação”. A primeira parte subdivide-se ainda em “Semiótica e fenomenologia”; “Estética e percepção”; “As paixões do sujeito”; “Enunciação e a subjetividade das línguas”, enquanto, na segunda, encontramos os tópicos: “Textualidade: algumas abordagens”; “Semiótica e ciências sociais: métodos, explorações e aplicações” e “Contextos e cultura”.

O primeiro artigo do número é de Jean-François Bordron – “A natureza da significação: idealidade e plurivocidade” – e gira em torno da questão central da semiótica: a significação. Procurando fixar o status que a noção de significação poderia adquirir na semiótica resultante do trabalho de Greimas, passa por Husserl e pela tradição saussuriana, a fim de verificar suas convergências e divergências. Em seguida, propõe uma segunda comparação, a idealidade em Husserl e em Greimas, mostrando que o objeto semiótico pode ser concebido como uma idealidade.

O segundo texto, “Greimas e gênero: mera receita ou refeição de verdade?”, apresenta uma temática ainda pouco explorada no âmbito da semiótica de tradição greimasiana: as possíveis intersecções entre a semiótica e os estudos de gênero. Buscando depreender as possibilidades abertas pela semiótica para a investigação em torno da identidade de gênero, Heidi Bostic compara os artigos “After Virtue”, de Alasdair MacIntyre, e “La soupe au pistou ou la construction d’un objet de valeur”, de Greimas, que permitem enfrentar essa questão de formas distintas. Em seguida, Waldir Bevidas, em “A semiótica de Greimas: uma epistemologia (discursiva) imanente”, a partir de uma releitura dos *Prolégomènes* (1971), de Hjelmslev, diferencia a imanência metodológica da imanência epistemológica, mostrando que a semiótica pode ser entendida como uma epistemologia imanente. A noção de imanência também é colocada em questão no texto de Per Aage Brandt, “De onde vem o sentido? Observações sobre a semio-fenomenologia de Greimas”, em que o autor trata da ontologia do

⁴ “un esprit de découverte et d’ouverture” (p. 1).

significado em si, interrogando se esse significado vem da linguagem ou da mente humana. Aponta ainda que a solução para esse dilema só poderá ser dada por uma semiótica cognitiva, já em construção.

Dando continuidade ao diálogo com as ciências cognitivas, Göran Sonesson (“Fenomenologia greimasiana e além: da isotopia à consciência do tempo”) faz uma crítica às concepções de Hjelmslev, em sua visão, positivistas, e defende que a semiótica continue adotando as ideias da fenomenologia, especialmente, da maneira como foram retomadas pelas ciências cognitivas. Propõe também que, no lugar do conceito de isotopia, seja empregado o de esquema, pois acredita que tal noção trará contribuições importantes para a análise da vida cotidiana dos seres humanos e ainda para a construção de um arcabouço teórico e metodológico transdisciplinarmente relevante.

Em “A apreensão estética, transformação não narrativa da subjetividade”, Gianfranco Marrone retoma *De l'imperfection* (1987) – obra que traduziu para o italiano e para a qual escreveu um prefácio –, com o intuito de reexaminar a noção de apreensão estética, proposta por Greimas a partir de uma leitura original da filosofia de Merleau-Ponty. Além da discussão teórica, apresenta ainda duas análises, uma de um texto literário de Ítalo Calvino e a outra do filme de animação *Ratatouille*. Herman Parret (“A estética de Greimas face às sensibilidades valerianas”) também se debruça sobre a obra *De l'imperfection* (1987), que, de acordo com suas palavras, existe quase que clandestinamente, às margens da ‘grande semiótica’. Comparando-a aos escritos de Paul Valéry, conclui que o semioticista e o poeta desenvolvem a mesma fenomenologia do choque estético, especulando, de forma análoga, sobre a organização háptica da vida sensorial.

No artigo que se segue – “O que pode a teoria greimasiana para uma semiótica da percepção? Investigação e perspectivas” –, a temática relativa à percepção permanece, pois Audrey Moutat retorna às proposições greimasianas, especialmente em sua obra fundadora, *Sémantique structurale* (1966), que estabelecem uma abordagem icônica, somático-passional e sociocultural da percepção. A partir daí, passa a observar os deslocamentos teóricos pós-greimasianos concernentes a essa problemática. Após o texto de Moutat, Luiz Tatit, em “A questão da intensidade na teoria greimasiana”, examina, na obra de Greimas, a ideia de *tonificação* dos encontros e realizações, ponto de partida para a semiótica da intensidade, bastante difundida nos dias atuais. Compara a plenitude que define a relação entre sujeito e objeto nas narrativas analisadas por Propp à plenitude tônica, própria às estesias singulares e aos acontecimentos extraordinários (Zilberberg), buscando apreender as mudanças de ponto de vista ao longo da história da semiótica.

Em “O lugar do sujeito na semiótica de Greimas”, Luisa Ruiz Moreno procura esclarecer a noção do sujeito em Greimas, trazendo à luz o debate extremamente atual na semiótica acerca da problemática do sujeito e da subjetividade. Seu texto encontra-se organizado em torno de quatro pontos centrais: o sujeito e sua relação com o vazio; o sujeito em relação ao outro; o sujeito semiótico; e o sujeito semioticista. Na sequência, em “A semiótica das paixões: ontem, hoje e amanhã”, de Amir Biglari, encontramos uma apresentação minuciosa da constituição e do desenvolvimento da teoria semiótica das paixões. A partir daí, o autor examina os dispositivos que essa teoria sugere para o tratamento das manifestações textuais das paixões, como o esquema passional canônico e os códigos passionais (códigos perspectivais, modais, somáticos, rítmicos e aspectuais, perceptivos e figurativos), entendidos, por Fontanille, como indicadores semânticos. As reflexões sobre a paixão encontram eco também no texto de Pierluigi Basso Fossali, “A paixão e a figuratividade: as duas tentações greimasianas face

à profundidade”, que recupera a figura do herói sem medo, personagem folclórico lituano, para definir o próprio Greimas como “herói” que nunca cessa sua busca. Isso porque Basso observa que a exploração das paixões realizada por Greimas vive a tensão, talvez irresolúvel, entre uma dimensão figurativa baseada na percepção e a organização modal das narrativas.

Raul Dorra e Blanca Alberta Rodriguez comparam, em “Estilística e semiótica tensiva: convergências e divergências”, a perspectiva da semiótica tensiva àquela da estilística espanhola. Observam as divergências epistemológicas entre elas, mas também pontos de encontro e possibilidades de complementariedade, refletindo a respeito das contribuições que uma poderia dar à outra. No texto subsequente, José Luiz Fiorin (“Dois conceitos de enunciação”) discute as razões epistemológicas que levaram Greimas a colocar a enunciação na passagem do nível semionarrativo ao nível discursivo do percurso gerativo do sentido e mostra o alcance dessa proposição. Compara essa concepção de enunciação à que foi proposta pela semiótica tensiva a partir de reformulações do modelo greimasiano, revelando as incompatibilidades dos dois modelos.

Alain Rabatel também aborda a temática da enunciação. Em “A enunciação, a práxis enunciativa e o discurso”, confronta a concepção de enunciação de Greimas à de outros semioticistas, observando, na semiótica pós-greimasiana, como é retomada a obra de Benveniste, e ainda como a enunciação é articulada à fenomenologia, à práxis, à sensorialidade e às paixões. A argumentação de Rabatel sustenta que essas novas concepções não representam uma ruptura em relação ao conceito de enunciação greimasiano, mas que certamente promovem seu alargamento. Dando continuidade ao debate, Marion Colas-Blaise, em seu artigo “Texto, textualização e prática: o devir da enunciação”, após recuperar a teoria da enunciação enunciada, em Greimas e Courtés (1979), procura esboçar os contornos de uma semiótica da enunciação como prática situada. Para dar conta da dinâmica da textualização, opta pela perspectiva da enunciação em ato, que necessita levar em consideração o entorno: o quadro institucional, socioeconômico e cultural.

O texto de Marion Colas-Blaise finaliza essa primeira seção do segundo número, em que os autores foram convidados a elaborar reflexões a respeito de temas abertos por Greimas e seu grupo a partir, mais ou menos, dos anos 80. Assim, sob novos pontos de vista, debateram-se tópicos como o princípio da imanência, a percepção e a fenomenologia, a atualidade do conceito de enunciação, entre outros. A segunda seção abre-se à exploração das práticas, das questões de textualização, dos estudos da sociedade e da cultura. Os diversos artigos que a compõem, além do debate teórico, propõem o enfretamento de objetos que interpelam a própria teoria. É o caso das relações interartísticas, do fazer coletivo de um escritório de arquitetura, das previsões do futuro, etc.

No primeiro artigo dessa segunda seção, “Transversalidade do sentido e relações interartísticas: a herança greimasiana”, Denis Bertrand e Veronica Estay Stange avaliam a contribuição da semiótica pós-greimasiana para as pesquisas que tomam as relações entre as artes como objeto de investigação. Com base em numerosos exemplos que mostram as ligações entre música, poesia e pintura, entre música e arquitetura, e entre pintura, romance e cinema, propõem caminhos para a construção de um modelo geral das relações interartísticas. Nessa empreitada, examinam as tensões entre o plano de expressão e o plano de conteúdo das diversas linguagens.

No texto subsequente, Maria Giulia Dondero, em “Do texto à prática: por uma semiótica experimental”, interroga quais seriam os objetos que a semiótica pode eleger para si, sem trair o princípio de imanência e, ao mesmo tempo, sem se fechar para a análise das práticas

e para os questionamentos da atualidade social. A partir do exame dos trabalhos recentes de Fontanille, insere-se no debate a respeito da relação entre uma epistemologia do texto e uma epistemologia da prática, e propõe, como mediador entre o texto e a prática, o conceito de textualização. Por fim, mostra a produtividade de tal conceito ao refletir a respeito da textualização das práticas de trabalho coletivo no âmbito da arquitetura, e da textualização produzida pela observação.

Para Gian Maria Tore (“Uma outra abordagem estrutural é possível: sentido, experiência e análise”), seria possível produzir análises lúcidas e rigorosas como as de Greimas e, ao mesmo tempo, defender uma teoria crítica à própria abordagem greimasiana, vista por Tore como estática e estabelecida sobre uma epistemologia da transparência. Ao se questionar sobre a possibilidade de um outro estruturalismo, o autor esboça uma semiótica da experimentação, sendo que ‘experimentar’ significa aqui semiotizar, fazer emergir estruturas, fazer *ver* e fazer *valorar*. Didier Tsala Effa também propõe algum deslocamento com relação à abordagem greimasiana. No seu artigo “Greimas e a perspectiva dos objetos: por uma abordagem semiótica em modo menor”, após detectar a instabilidade da definição de *objeto* no âmbito da semiótica, Effa, fundamentando-se nas propostas do antropólogo Albert Piette (2009), parte em busca das condições responsáveis por tornar um objeto algo único, singular. Com esse objetivo, relê de forma crítica o texto “La soupe au pistou ou la construction d’un objet de valeur” (1986), do qual depreende que essas condições resultam de detalhes marginais e mesmo irrelevantes para a forma final dos objetos.

Em seguida, partindo da distinção entre reflexividade e metalinguagem, proposta por Dondero (2013), e da distinção entre metasemiótica homossemiótica e metasemiótica heterossemiótica, proposta por Klinkenberg (2000), Taís de Oliveira (“Reflexividade de enunciação no filme *As horas*”) analisa o filme *As horas* (Stephen Daldry, 2002), com o objetivo de mostrar os mecanismos que possibilitam a essa obra ser uma reflexão sobre ela mesma (‘meta’) e ainda sobre o romance *Mrs. Dalloway* (Virginia Woolf, 1925). Também reflete sobre o modo singular como o filme coloca em cena a intertextualidade.

O texto posterior é “Aspectos da noção de gênero em semiótica”, de Sémir Badir, que se pergunta o que são os gêneros. Opondo-se à ideia de gênero como um conjunto de traços formais, enunciativos, organizacionais e materiais, Badir assume a posição de que os gêneros, por sua natureza heterogênea, não podem ter sua descrição fixada. Ainda segundo o autor, pelo fato de o gênero ser uma categorização correspondente a uma hermenêutica da apropriação, resiste a se deixar conhecer por meio de uma descrição formal, como já previa Greimas.

Nicolas Couégnas e Aurore Famy (“A parte semiótica da antropologia dos modernos”) retomam as propostas de Bruno Latour, em *Enquête sur les modes d’existence* (2012), a partir das quais acreditam ser possível não apenas responder de forma inédita à questão da especificidade da semiótica no campo social, como ainda esboçar os fundamentos de uma *antropossemiótica*. Já o artigo “Hjelmslev, a semiótica e a escola de Paris”, de Alessandro Zinna, traça um quadro bastante completo das contribuições da teoria de Hjelmslev à semiótica da Escola de Paris. Compara a maneira como a semiótica clássica de Greimas e a semiótica tensiva incorporam as proposições hjelmslevianas, observando, sobretudo, o lugar que concedem às relações participativas.

Na sequência, Giulia Ceriani, em “O estudo do futuro, previsão social, mutações: contribuições e desafios semióticos”, adentra o terreno das análises de tendência e, assim, da montagem de cenários que permitem a prática de previsão do futuro, algo ainda insuficiente-

mente explorado pela semiótica greimasiana, mas que conta com numerosos trabalhos entre os economistas e os cientistas sociais. Apostando na relevância que a semiótica pode ter no estudo do futuro, Ceriani propõe caminhos para seu desenvolvimento, procurando nos estudos pós-greimasianos a possibilidade de estabelecimento de interfaces com as ciências sociais. Como Ceriani, Nijolė Keršytė (“Repensando a ideologia: semiótica greimasiana, neomarxismo e antropologia cultural”) enfatiza as relações da semiótica com as ciências sociais. Examina diversas concepções de ideologia, especialmente a da antropologia cultural de Geertz e a dos neomarxistas, como Althusser, verificando suas compatibilidades com o modo como a semiótica greimasiana a entende: fenômeno transversal e inevitável, subjacente a toda atividade humana dirigida para os valores.

Em “Narração e a experiência da história”, Roberto Flores refuta a concepção de história que reduz o texto a um depósito de conhecimentos a serem apropriados pelo leitor, para assumir a proposta do historiador mexicano, Edmundo O’Gorman, que considera a história como o produto que os leitores elaboram ao longo da leitura ou, ainda, como experiência inscrita na memória. Levando essa distinção em consideração, Flores desenvolve uma interpretação semiótica da experiência da história, com base em exemplos de relatos da Conquista do México.

O artigo “Construção dos sentidos na recepção: a propaganda da segurança rodoviária posta à prova de seus destinatários”, de Claude Chabrol, primeiro, situa a problemática da semiótica psicossocial entre os paradigmas semióticos, para, em seguida, empregá-la em um estudo da recepção de campanhas de promoção da segurança no trânsito. Uma das questões relevantes que surgem daí é: qual é o grau de adequação entre os efeitos pretendidos para os destinatários ideais e os efeitos produzidos sobre os destinatários reais? Para Chabrol, a resposta a essa pergunta depende não somente da análise das propriedades linguísticas, semântico-discursivas e icônicas das mensagens, mas também do estudo dos determinantes psicossemióticos da leitura e da memorização, e dos efeitos atitudinais na recepção. Já Peter Stockinger (“Semiótica de paisagens textuais e culturas”) apresenta um quadro teórico e metodológico para analisar as paisagens textuais (“textscapes”) e ilustra sua proposta com alguns exemplos: a paisagem textual de um mercado aberto tipicamente europeu; a paisagem textual de uma cozinha de classe média; e a paisagem textual da comunicação urbana em Hong Kong.

Por “traçados territoriais”, Pierre Boudou entende não a forma aparente das manifestações múltiplas de uma paisagem natural, mas um plano esquemático subjacente que a constitui como texto ou como quadro icônico. Em seu artigo, “Traçados territoriais de um ponto de vista semiótico”, o autor identifica esses traçados aos diagramas peircianos, que se situam entre as imagens e os símbolos. Trata-se, portanto, de um plano de imanência que atravessa diferentes tipos de manifestação – relevos naturais, cartografia, expressões pictóricas, coreografias –, o que torna o emprego dessa noção bastante produtivo para a semiótica espacial.

Essa edição é finalizada com texto de Sündüz Öztürk Kasar: “Ler *Em nome da princesa morta*, de Kenizé Mourad, à luz da semiótica topológica de Algirdas Julien Greimas”. Dando continuidade ao debate acerca de uma semiótica do espaço, Mourad examina a representação da cidade na literatura, com base em noções desenvolvidas por Greimas no artigo “Pour une sémiotique topologique” (1972). Por meio da análise, são ilustrados o plurilinguismo e o multiculturalismo dos espaços urbanos.

3 Para finalizar

Repetimos: trata-se de uma obra monumental. Não é apenas uma questão de número de páginas ou textos, a monumentalidade diz respeito ao papel que esses dois números, com certeza, virão a desempenhar no futuro da semiótica. Afirmamos, sem exagero, que essas são edições incontornáveis para qualquer semioticista. Elas oferecem uma espécie de balanço crítico do que foi feito até os dias atuais e abre caminhos diversos para pesquisas futuras.

Seus 56 textos confirmam a novidade das propostas greimasianas, seu papel como criador de uma teoria que, herdeira de diferentes tradições, rompeu com o que estava posto nas ciências humanas. Explorando possibilidades de suas ideias, reelaborando conceitos, efetuando deslocamentos teóricos, analisando objetos de relevância cultural e social, recolocando em questão aspectos deixados de lado de um ponto de vista teórico e mesmo prático, os dois números de *Semiotica* celebram Greimas. Interessante notar que suas obras mais citadas ou apenas mencionadas nesses artigos são *Sémantique structurale* (1966) e *De l'imperfection* (1987): seu texto fundador e seu último livro individual.

A fecundidade de suas ideias pode ser flagrada ainda nas diferentes “faces” que a semiótica de origem greimasiana foi assumindo: neurosemiótica, semiótica cognitiva, sociossemiótica, biossemiótica, semiótica tensiva, semiótica pós-greimasiana, semiótica subjetal, semiótica das culturas, semiótica da mitologia, semiótica visual, semiótica do texto, semiótica discursiva, etc. Se, por detrás dessa enorme variedade, ainda é possível encontrar algum sentido comum é uma das muitas questões que, com certeza, interpelam aqueles que se aventuram por essas 1024 páginas.

Para finalizar, deixamos o leitor com as palavras de Greimas: “Gostaria de ter conseguido uma coisa, persuadi-los de que a semiótica é uma coisa ao mesmo tempo enfadonha e apaixonante, como toda ciência (p. 38. Tradução nossa)⁵. ●

Referências

- DONDERO, Maria Giulia. L'énonciation visuelle: de la réflexivité au métalangage. *Overture du Séminaire Énonciation et Métalangages Visuels*, Université de Liège, présentée le 14 Novembre, 2013.
- GREIMAS, Algirdas. Julien. *Sémantique structurale*. Paris: Larousse 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens*. Paris: Seuil, 1971.
- GREIMAS, Algirdas. Julien. *Essais de sémiotique poétique*, Paris: Larousse, 1972.
- GREIMAS, Algirdas Julien. A propos du jeu. *Actes sémiotiques*, 1980, n.13, p. 29-34.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Des dieux et des hommes*. Études de mythologie lithuanienne, Edith Rechner (trad.), Anne Hénault (org.). Paris: PUF, 1985.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac, 1987.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit, 1971.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. *Précis de sémiotique générale*. Paris: Seuil, 2013.
- LATOURE, Bruno. *L'enquête sur les modes d'existence*. Paris: La Découverte, 2012.

⁵ “Je voudrais avoir réussi une chose, de vous avoir persuadé que la sémiotique est une chose à la fois ennuyeuse et passionnante, comme toute science” (p. 38).

Dados para indexação em língua estrangeira

Barros, Mariana Luz Pessoa de
Estudos Semióticos, vol. 14, n. 3 (2018)
ISSN 1980-4016

Como citar este artigo

Barros, Mariana Luz Pessoa de. Continuidades e rupturas *em e com* Greimas . *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 14, Número 3, São Paulo, dezembro de 2018, p. 151-164. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento do artigo: 15/07/2018

Data de sua aprovação: 13/11/2018
